



A fenomenologia do cuidado, a ética e a formação humana

Adão José Peixoto

Universidade Federal de Goiás – UFG, Brasil

Matheus Alexandre Rocha

Universidade Federal de Goiás – UFG, Brasil

RESUMO

O presente artigo procura compreender a fenomenologia do cuidado e suas contribuições para a ética e a formação humana. A reflexão inicia com a apresentação sobre a fenomenologia do cuidado mediante a alegoria de Hegino e a discussão empreendida por Martin Heidegger, Leonardo Boff e outros pensadores sobre a origem e importância do cuidado (*Sorge*) como referência para o *Dasein*, ser-aí. Depois foram destacadas as contribuições do cuidado para a ética, destacando a urgência do *ethos* do cuidado como morada, abrigo, da vida em sociedade. Concluiu-se o artigo com a discussão sobre as contribuições da fenomenologia do cuidado e do *ethos* do cuidado para a formação humana, para que esta se torne expressão de humanização do homem e da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia. Cuidado. Ética. Formação

THE PHENOMENOLOGY OF CARE, ETHICS AND HUMAN EDUCATION

ABSTRACT

This article seeks to understand the phenomenology of care and its contributions to ethics and human formation. The reflection begins with phenomenology of care presentation through Hegino's allegory and discussion on origin and importance of care (*Sorge*) undertaken by Martin Heidegger, Leonardo Boff and other thinkers as a reference for *Dasein*, being-there. Afterwards, care contributions to ethics were highlighted, highlighting the urgency of care's *ethos* as a home, shelter, and life in society. The article concludes with a discussion on the phenomenology of care contributions and care's *ethos* for human formation, in order to become an expression of man and society humanization.

KEY WORDS: Phenomenology. Caution. Ethic. Formation

LA FENOMENOLOGÍA DEL CUIDO, LA ÉTICA Y LA FORMACIÓN HUMANA

RESUMEN

El presente artículo pretende comprender la fenomenología del cuidado y sus aportes a la ética y a la formación humana. La reflexión inicia con una exposición sobre la fenomenología del

cuido, mediante la alegoría de Hegino y el debate emprendido por Martin Heidegger, Leonardo Boff y otros autores, sobre el origen y la importancia del cuidado (*Sorge*) como referencia para el *Dasein*, el ser-ahí. En lo adelante se destacan los aportes del cuidado para la ética, enfatizando la urgencia del *ethos* del cuidado como morada, abrigo, de la vida en sociedad. Se concluye con una reflexión sobre las contribuciones de la fenomenología del cuidado y del *ethos* del cuidado para la formación humana, para que esta se torne expresión de humanización del hombre y la sociedad.

PALABRAS-CLAVE: Fenomenología. Cuido. Ética. Formación

1 INTRODUÇÃO À FENOMENOLOGIA DO CUIDADO

Por fenomenologia compreendemos a maneira pela qual qualquer realidade, no caso o cuidado, se torna um fenômeno para a nossa consciência. Para a fenomenologia, o que interessa é compreender a relação entre o homem e o cuidado, especialmente o sentido dessa relação, ou seja, desse fenômeno. Assim, não se trata de pensar e falar sobre o cuidado como realidade independente de nós, mas de pensar como o cuidado é vivido e como se estrutura em nós mesmos. “Não temos cuidado. Somos cuidado. Isto significa que o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos” (BOFF, 2005, p. 28).

Martin Heidegger mostrou que todas as realidades fundamentais da vida humana se encontram enraizadas no cuidado. Somente por meio da estrutura do cuidado, elas se exercem como dimensões do humano. Para o filósofo, essas “determinações existenciais, no entanto, não são partes de um composto em que se pudesse ou não prescindir de alguma. Ao contrário, nelas se tece um nexo originário que constitui a totalidade procurada do todo estrutural” (HEIDEGGER, 2007, p. 258).

Foi Heidegger, na obra *Ser e tempo*, o grande sistematizador da fenomenologia do cuidado. Foi o pensador que mais radicalmente propôs uma ontologia do ser. Ele designa como cuidado o próprio ser do ser do humano (ser-aí, *dasein*). Em sua busca por um fundamento para a compreensão deste ser, ele entende que essa situação é simultaneamente temporalizada e atemporal, determinada e aberta. “Estas e outras polaridades são tornadas possíveis e indissociáveis porque o humano é o ‘ser que concebe o ser’, faculdade esta, por seu turno, constituinte mesma do seu próprio existir” (AYRES, 2004, p. 21). Para Heidegger, o cuidado pertence à essência do humano e de tudo o que existe e vive. Portanto, o cuidado é o cuidado com a vida humana, com o nosso planeta, com a vida animal e vegetal.

Heidegger trata o cuidado tanto como ocupação quanto como preocupação. O que nos interessa aqui é o cuidado como preocupação. No § 41, de *Ser e tempo*, Heidegger aborda a

cura como o ser da presença (*Dasein*), como preocupação. Nesse sentido, o cuidado significa uma relação amorosa, amigável e protetora para com o outro.

Heidegger desenvolveu suas reflexões sobre o cuidado com base na fábula de Higino. Quem foi Higino? Seu nome é Gaius Julius Hyginus, ou seja, Caio Júlio Higino. Era escravo que foi liberto pelo imperador romano César Augusto. No ano 47 a.C., César Augusto entrara com seu exército em Alexandria, grande cidade no norte do Egito, famosa por sua cultura, por suas escolas filosóficas e por suas bibliotecas. Foi então que conheceu o escravo Higino, jovem brilhante por sua inteligência e por sua vasta cultura, apesar de ter apenas 22 anos. O imperador decidiu levá-lo consigo para Roma. Como ocorria naquele tempo, todo general vencedor podia tomar como escravos as pessoas que lhe despertassem seu interesse. “Como sinal público da posse, impunham-lhes seus próprios nomes. Foi assim com Higino. Passou a ser chamado Caio Júlio Higino, embora historicamente seja conhecido simplesmente como Higino” (BOFF, 1999, p. 19).

Ao retornar para Roma, Augusto César o libertou e o manteve inicialmente a seu serviço. Preocupado em contribuir para sua formação, encaminhou-o à melhor escola da época. Essa escola era dirigida por Alexandre Polihistor, de Alexandria, ex-escravo. “Este era diretor da famosa Biblioteca Palatina fundada por Augusto no ano 28 a.C. As bibliotecas na Antiguidade eram mais que nossas bibliotecas. Equivaliam às fundações culturais de hoje” (BOFF, 1999, p. 19).

As bibliotecas não eram apenas locais onde havia livros. Elas eram centros culturais. Além de ter livros, ministravam cursos de diversas áreas do conhecimento. Ali se desenvolviam amplos debates acadêmicos. Foi nesse ambiente de grande riqueza cultural que Higino passou a conviver. César Augusto não mediu esforços para ajudar seu antigo escravo. Nomeou-o para a direção da Biblioteca Apollinis. Assim Higino podia abrir seus próprios cursos e manter contatos diretos com os grandes pensadores da época e com os livros da biblioteca. Com a morte de Alexandre Polihistor, César Augusto nomeou Higino como diretor da biblioteca central, a Biblioteca Palatina (BOFF, 1999, p. 19).

Higino aproveitou bem os contatos e as fontes da biblioteca para escrever várias obras, abordando temas diversos, como teológicos, sobre as características dos deuses, biografias sobre pessoas ilustres do mundo e de Roma, ecologia, descrições geográficas sobre as cidades itálicas, agricultura, astronomia e sua principal obra, *Fábulas ou Genealogias*, onde se encontra a fábula do cuidado (BOFF, 1999, p. 19).

O que diz a fábula de Hegino? Ela diz:

Certa vez, atravessando um rio, “cura” viu um pedaço de terra ardilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que lhe fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto “Cura” e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a “cura” quem primeiro o formou, ele deve pertencer à ‘cura’ enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve se chamar ‘homo’, pois foi feito de húmus (terra)” (HEIDEGGER, 2007, p. 266).

Podemos dizer que o cuidado representa um novo paradigma. O paradigma da solicitude, da acolhida, da preocupação, da empatia, mão que acolhe, que protege, contrariamente ao paradigma da submissão, da dominação, da alienação, da mão que agarra e se apropria (BOFF, 1999). Na condição de ser de empatia, somos aquele momento de sua alta complexidade que começou a sentir, a pensar, a amar e a cuidar. Somos Terra, pois homem (ser humano) vem de húmus, terra fértil e fecunda, como disse Higinio.

A fábula de Heginio influenciou Heidegger na escolha do termo *Sorge* para definir o cuidado. Para Heidegger, o cuidado, *Sorge*, é essencialmente um processo, uma atividade constituinte do *Dasein*, ser-aí, que se mostra mediante o que se é, ser no mundo. Zeferino Rocha (2011, p. 73) diz que o termo latino “cura” usado por Higinio, embora “possa ter muitos significados, pode ser corretamente traduzido para o português tanto pela palavra cuidado quanto pelos termos preocupação, angústia, inquietação e solicitude”. José Ricardo Ayres (2004, p. 21), no artigo “O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde”, afirma:

Heidegger convida a pensar o modo de ser dos humanos como uma contínua concepção/realização de um projeto, a um só tempo determinado pelo contexto em que estão imersos, antes e para além de suas consciências, e aberto à capacidade de transcender essas contingências e, a partir delas e interagindo com elas, reconstruí-las. A temporalidade da existência, isto é, as experiências de passado, presente e futuro não são senão expressão desse estar projetado e projetando que marca esse modo de ser (do) humano – o futuro sendo sempre a continuidade do passado que se vê desde o presente, e o passado aquilo que virá a ser quando o futuro que vislumbramos se realizar. É isso que autoriza Heidegger, em *Ser e Tempo*, a nomear como Cuidado o ser do humano.

Leonardo Boff (1999), ao discutir a fábula do cuidado, também ressalta essa dimensão de imanência e transcendência, de temporalidade e atemporalidade que a alegoria representa.

Diz Boff (1999, p. 30):

O ser humano é, simultaneamente, utópico e histórico-temporal. Ele carrega em si a dimensão Saturno junto com o impulso para o céu, para a transcendência, para o vôo da águia (Júpiter). Nele se revela também o peso da terra, da imanência, o cisar da Gaia (*Tellus*). É pelo cuidado que ele mantém essas polaridades unidas e faz delas material da construção de sua existência no mundo e na história. Por isso o cuidado é cuidado essencial.

Ainda sobre essa dimensão temporal e atemporal, imanência e transcendência que caracteriza a existência humana que necessita do cuidado, Leonardo Boff (1999, p. 40) afirma:

O ser humano vive distendido entre a utopia e a história. Ele está no tempo onde as duas se encontram. Não sem razão Saturno expressava também a vigência do tempo com sua soberania. O ser humano constrói a sua existência no tempo. Precisa do tempo para crescer, aprender, madurar, ganhar sabedoria e até para morrer. No tempo vive a tensão entre a utopia que o anima a sempre olhar para cima e para frente e a história real que obriga a buscar mediações, dar passos concretos e olhar com atenção para o caminho e sua direção, suas bifurcações e empecilhos, suas ciladas e chances.

O cuidado, como a fábula o apresenta, é uma entidade pensante e criadora, pois há na narrativa a afirmação de cuidado “Enquanto refletia sobre o que criara”. Por isso, Zeferino Rocha (2011, p. 75-76) afirma:

[...] numa linguagem simbólica de grande simplicidade e beleza, a Fábula dá um lugar de destaque ao Cuidado, na medida em que o personaliza como uma entidade especial que passeia, pensa, reflete, imagina e tem a capacidade de criar e pode conviver, dialogar e discutir com os deuses Júpiter e Terra [...] A estrutura fundamental deste composto humano tem o selo de Cuidado, pois foi ele que a modelou. Para descrever o ato de modelar a figura humana, Higinio empregou o verbo latino *ingere*, o qual tem como principais significações: formar, esculpir, fazer, criar, produzir, compor (uma obra literária), imaginar, conceber, figurar. O verbo pode também significar: disfarçar, dissimular, encobrir, esconder, fingir. Portanto, o ser humano foi primeiramente concebido como uma obra de arte e, logo em seguida, produzido pela imaginação criativa de Cuidado, no momento em que este, “mergulhado em seus pensamentos”, passeava na terra dos deuses e, atravessando um pequeno rio, viu nas suas margens uma pequena quantidade de argila (*cretosum lutum*).

O ser do humano é um estar lançado no mundo, numa reconstrução constante de si mesmo e do mundo, que tem o cuidado como referência, direção e orientação. O *Dasein* que toma consciência de sua existência lançada no mundo está implicado numa atitude que expressa um novo *ethos*: o *ethos* do cuidado, *ethos* da acolhida, da proteção, da empatia.

O cuidado não se resume apenas a um ato, mas a uma atitude de constante zelo, preocupação pelo outro. O cuidado, diz Leonardo Boff (1999, p. 42), surge quando “a existência

de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida.

Numa linguagem simbólica e de grande beleza, a fábula do Cuidado “narra a origem do ser humano e os elementos que entram na sua composição: o corpo originado de Tellus, a deusa da Terra e a alma vinda de Júpiter, o deus do Céu” (ROCHA, 2011, p. 76). Descreve o ser humano como ser de cuidado. Ser que precisa de atenção, dedicação, que requer ser modelado, esculpido, dar-lhe forma humana.

Para Heidegger, há uma distinção ontológica fundamental entre o Ser (*Das Sein*) e o ente (*Das Seiende*). Por isso, ele dedicou o sexto capítulo da primeira parte do *Ser e tempo* à análise do cuidado (*Sorge*) como ser do *Dasein*. Zeferino Rocha (2011, p. 77-78) explica o que é o Ente para Heidegger:

O Ente é tudo o que vemos e conhecemos ao nosso redor. O Ser também “é”, pois, os entes, e as coisas são manifestações do Ser, mas o Ser não “é” como é o ente ou como são as demais coisas. Por isso, Heidegger adverte que, “se nos contentássemos em dizer apenas que o Ser “é”, correríamos o risco de representá-lo, muito facilmente, como um ente, segundo o modelo do ente, o qual, quando conhecido como causa, produz seus efeitos ou, quando conhecido como efeito, é produzido pelas suas causas [...] Portanto, para não cair no erro de transformar o Ser em um ente, melhor seria, em vez de dizer que o Ser “é”, afirmar que o Ser “se dá” (*Es gibt sich*), como uma abertura originária, como uma clareira ou um lugar de esclarecimento (*Lichtung*), onde se torna visível a invisibilidade do Ser. Mas, entre todos os entes que são manifestações do Ser, destaca-se o ser humano que Heidegger chama de *Dasein*, vale dizer, de ser (*Sein*) o aí (*Da*), que alguns autores traduzem de um modo interpretativo pelo termo presença. Pois bem, o *Dasein* é um ente que tem primazia sobre todos os demais entes, porque, sendo um ente que fala, é o único capaz de colocar a questão do sentido do Ser. Por esse motivo, Heidegger pensa que só pela mediação da Analítica existencial do *Dasein* é possível encontrar um horizonte de compreensão para o sentido do Ser. Vejamos, pois, o essencial do que diz a Analítica Existencial heideggeriana sobre o *Dasein*. (Grifo nosso).

O *Dasein* é um poder-ser, um *Seinkönnen*, ou seja, um conjunto de possibilidades destinadas a serem realizadas, para que o ser humano possa construir e assumir a sua existência como um projeto, que lhe é destinado pelo próprio Ser. Isso para que o ser humano, que em geral vive na inautenticidade do mundo cotidiano, perdido no anonimato do “si” (*man*), “possa conquistar-se como um si mesmo próprio e, desse modo, viver na autenticidade. Não assumindo esse projeto existencial, ele se perde na inautenticidade e na impropriedade” (ROCHA, 2011, p. 77-78). No *Dasein*, o ser humano constrói a sua história, sua autenticidade, o seu modo de ser, a sua existência como projeto, como constante construção. “Enquanto existente, o homem assume o seu “ser-o-aí” (*Da-sein*), na medida em que assume, no cuidado, o *Da-sein* como esclarecimento do Ser (*als die Lichtung des Seins*)” (HEIDDEGER, 1957, p. 62-63).

O cuidado então significa “desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Como dizíamos, estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude” (BOFF, 1999, p. 42).

Heidegger, ao tomar como referência a fábula de Hegino, diz que o cuidado é uma constituição Ontológica, ou seja, que está sempre subjacente a tudo o que o ser humano empreende, projeta e cria. Compreende-se, assim, que a essência do ser humano reside no cuidado, aquela condição prévia que precisa ocorrer para que qualquer ser, mas especialmente o ser humano, possa desenvolver plenamente sua existência.

Na perspectiva, o cuidado é visto como aquilo a que pertence a presença humana como ser-no-mundo. Heidegger (2007) afirma que a determinação preontológica da essência do homem expressa na fábula de Hegino desvela o modo de ser em que predomina seu percurso temporal no mundo. Boff (1999, p. 44) explica o que significa o Ser-no-mundo:

[...] uma forma de *ex-istir* e de co-existir; de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo. Nessa co-existência e con-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.

Esse é hoje um dos grandes clamores da humanidade: o clamor para que a vida seja cuidada, zelada em todas as suas modalidades. Hegino e Heidegger nos indicavam que o cuidado é essencial para a vida humana e para a preservação de todo tipo de vida. A fábula nos ajudar a pensar a grande responsabilidade do Homem: o cuidado. Diante do nosso atual contexto de desprezo da vida humana e da cultura da morte, do ódio, do negacionismo, do anti-intelectualismo, é necessário pensarmos sobre a missão e responsabilidade do homem com a vida humana e com o planeta em que vivemos.

2 A ÉTICA COMO *ETHOS* DO CUIDADO

É ética (do grego *ethos*) significa bons costumes, modo de ser ou caráter de uma pessoa, mas é também a teoria sobre o comportamento moral. A moral (do latim *mores*) significa costumes. Ela se refere às normas, aos valores e às leis que regem a vida em sociedade. Assim, o objeto da ética é o estudo da moral, que procura compreender o sentido e a validade dos costumes, valores, leis e condutas, tendo como função indicar quando o comportamento é bom, justo e humano. A moral surgiu nos primórdios da humanidade, quando o homem deixou de ser um ser apenas natural, vivendo isolado, ao arbítrio da força, para se tornar um ser social, convivendo em grupo. Para tornar a vida mais harmoniosa criaram

normas, regras e leis (*nomos*) de convivência. Assim surgiu a moral – um conjunto de regras, normas, leis, costumes que normatizam a vida em sociedade. A esse respeito, Vazquez (1998, p. 7) assim registra: “De fato, o comportamento prático-moral, ainda que sujeito à variação de uma época para outra e de uma sociedade para outra, remonta até as próprias origens do homem como ser social [...] se encontra nas formas mais primitivas de comunidades”.

Os homens não só agem moralmente, mas também refletem sobre esse comportamento e o tomam como objeto de reflexão. Surge, então, a ética. “Dá-se assim a passagem do plano da prática moral para o da teoria da moral” (VAZQUEZ, 1998, p. 7). Portanto, a ética é o estudo da moral. Surge no século VI a.C., com o aparecimento da filosofia, e se desenvolve de modo mais fundamentado a partir do século IV a. C., com Sócrates, Platão e Aristóteles. Para os filósofos gregos, ética é a virtude (*areté*), excelência do agir humano. Sua finalidade é compreender se as regras, as normas, as leis, os costumes, ou seja, a moral, são justos ou não, se contribuem ou não para a humanização. Nas palavras de Adolfo Sanchez Vazquez (1998, p. 11): “A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral”.

O *ethos* (ética) é a casa, a morada, a acolhida, o abrigo protetor da vida do homem em sociedade (VAZ, 1999). Com o *ethos*, o espaço do mundo humano (sociedade) torna-se habitável para o homem, torna-se espaço de afirmação do humano. Com o *ethos*, a solidariedade, a cooperação e a alteridade passam a ser as referências da vida em sociedade, contrapondo-se ao egoísmo e à barbárie. Para essa concepção, a *areté*, a excelência do agir humano ou o conjunto dos valores que forma um ideal de convivência em sociedade, é a referência fundamental.

As ações dos homens no âmbito da economia, da cultura, da religião, da política, do trabalho, da educação, do lazer, da família, do meio ambiente deveriam ser orientadas pela ética, para que a sociedade seja mais justa e humana, para que seja um abrigo protetor da vida. Quando uma sociedade se distancia da prática da ética corre o risco de se tornar cada vez mais uma sociedade injusta. Quando a *areté* – a virtude, a excelência do agir humano – é substituída pela *virtú* (do latim *virtus*) – a habilidade, a sutil combinação entre a força e a astúcia, como propôs Maquiavel na obra *O Príncipe* (2017) –, o *ethos* deixa de ser o abrigo protetor da sociedade. Tomando como referência a definição conceitual acima de ética e moral, podemos dizer que nem toda moral (norma, valor, costume, lei) é justa. O que significa, por exemplo, que nem toda lei é justa; nem tudo que é legal é ético.

A alegoria do cuidado apresenta um entendimento de como cuidar é central para o ser humano e a vida em sociedade. “Apresenta uma imagem alegórica da humanidade na qual a

característica mais notável de sua origem, vivência e finalidade é o cuidado. Provê, assim, uma genealogia do cuidar, iluminando o repensar do seu valor e de seu sentido para a vida” (ZOBOLI, 2004, p. 23).

Conforme Heidegger (2007), o homem enquanto *Dasein*, enquanto presença no mundo, tem a tarefa constante de analisar a si mesmo, analisar como se comporta e se envolve diante da realidade com a qual se defronta. Tem a responsabilidade de se assumir como ser em constante desenvolvimento e de afirmação de sua humanidade, como muito bem expressou a alegoria do cuidado.

Para Leonardo Boff (1999), vivendo o sintoma de um profundo mal-estar civilizatório, uma profunda desumanização do homem e da sociedade provocada pelo descaso e do abandono do *ethos* do cuidado, vivemos um tempo de impiedade e insensatez, que nos faz regredir cada vez à barbárie, ao estágio da ausência de civilidade. Ele enumera os seguintes sintomas da ausência do *ethos* do cuidado:

- Há um descuido e um descaso pela vida inocente de crianças usadas como combustível na produção para o mercado mundial. Os dados da Organização Mundial de Infância de 1998 são aterradores: 250 milhões de crianças trabalham. Na América Latina 3 em cada 5 crianças trabalham. Na África, uma em cada 3. E na Ásia uma em cada 2. São pequenos escravos a quem se negam a infância, a inocência e o sonho. Não causa admiração se são assassinadas por esquadrões de extermínio nas grandes metrópoles da América Latina e da Ásia.
- Há um descuido e um descaso manifesto pelo destino dos pobres e marginalizados da humanidade, flagelados pela fome crônica, mal sobrevivendo da tribulação de mil doenças, outrora erradicadas e atualmente retornando com redobra virulência.
- Há um descuido e um descaso imenso pela sorte dos desempregados e aposentados, sobretudo dos milhões e milhões de excluídos do processo de produção, tidos como descartáveis e zeros econômicos. Esses nem sequer ingressam no exercício de reserva do capital. Perderam o privilégio de serem explorados a preço de um salário mínimo e de alguma seguridade social.
- Há um descuido e um abandono dos sonhos de generosidade, agravados pela hegemonia do neoliberalismo com o individualismo e a exaltação da propriedade privada que comporta. Menospreza-se a tradição de solidariedade. Faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos. Essa situação se aprofundou com a queda do socialismo, acesa a consciência da cooperação e do internacionalismo.
- Há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes sentem-se desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espetáculo, do simulacro e do entretenimento.
- Há descuido e descaso pela dimensão espiritual do ser humano, pelo *esprit de finesse* (espírito de gentileza) que cultiva a lógica do coração e do enternecimento por tudo o que existe e vive. Não há cuidado pela inteligência emocional, pelo imaginário e pelos anjos e demônios que o habitam. Todo tipo de violência e de excesso é mostrado pelos meios de

- comunicação com ausência de qualquer pudor ou escrúpulo.
- Há um descuido e um descaso pela coisa pública. Organizam-se políticas pobres para os pobres; os investimentos sociais em segurança alimentar, em saúde, em educação e em moradia são, em geral, insuficientes. Há um descuido vergonhoso pelo nível moral da vida pública, marcada pela corrupção e pelo jogo explícito de poder de grupos chafurdados no pantanal de interesses corporativos.
 - Há um abandono da reverência, indispensável para cuidar da vida e de sua fragilidade. A continuar esse processo, até meados do século XXI terão desaparecido, definitivamente, mais da metade das espécies animais e vegetais atualmente existentes. É o que nos informamos ou conectamos e recente relatório sobre o estado da Terra (*The State of Environment Atlas*) dos Estados Unidos. Com eles desaparece uma biblioteca de conhecimentos acumulados pelo universo no curso de 15 milhões de anos de penoso trabalho evolutivo.
 - Há um descuido e um descaso na salvaguarda de nossa casa comum, o planeta Terra. Solos são envenenados, ares são contaminados, águas são poluídas, florestas são dizimadas, espécies de seres vivos são exterminadas; um manto de injustiça e de violência pesa sobre dois terços da humanidade. Um princípio de autodestruição está em ação, capaz de liquidar o sutil equilíbrio físico-químico e ecológico do planeta e devastar a biosfera, pondo assim em risco a continuidade do experimento da espécie *homo sapiens e demens*.
 - Há um descuido e descaso generalizado na forma de se organizar a habitação, pensada para famílias minúsculas, obrigadas a viver em cômodos insalubres. Milhões e milhões são condenados a viver em favelas sem qualquer qualidade de vida, sob a permanente ameaça de deslizamentos, fazendo a cada ano milhares de vítimas. As formas de vestir de estratos importantes da juventude revelam decadência para resolver conflitos interpessoais e institucionais, normalmente superáveis mediante o diálogo e a mútua compreensão. (BOFF, 1999, p. 4-6).

A citação acima, apesar de longa, é muito esclarecedora da situação de desumanização, de crise civilizatória que vivenciamos. Para Leonardo Boff (1999, p. 11), em função dessa dramática realidade, há a urgência de um novo *ethos* civilizacional que nos “permitirá dar um salto de qualidade na direção de formas mais cooperativas de convivência, de uma renovada veneração pelo Mistério que perpassa e que sustenta o processo evolutivo”. Esse novo *ethos* se efetivará por meio de morais concretas (valores, leis, normas, atitudes e comportamentos práticos) que expressam a preocupação com o cuidado. É um *ethos* que se opõe ao descuido e ao descaso, já que cuidar “é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 12); significa reconhecer o cuidado como modo-de-ser anterior a qualquer realidade anterior.

O cuidado é um *apriori* ontológico. É anterior ao espírito que Júpiter infundiu e ao corpo fornecido pela Terra. “Portanto, a concepção do ser humano como composto de espírito-corpo não é originária. A fábula diz: – o Cuidado foi quem primeiro moldou o ser humano. O

cuidado se encontra antes, é um apriori ontológico” (BOFF, 1999, p. 51).

3 FORMAÇÃO HUMANA, O CUIDADO E A ÉTICA

O fenômeno da educação é, pois, *constitutivo* do ser humano. É que o ser humano só se torna, efetivamente, humano, isto é, ele só vem a ser o que ele é graças ao empenho da educação. Kant (2006, p. 11) tem razão quando diz: o “Homem é a única criatura que precisa ser educada”. O fenômeno da educação é *constitutivo* do ser humano. Ao contrário do homem, que nasce como ser dependente, que precisa de cuidados e de educação, os animais já nascem biologicamente programados. Mesmo quando adulto o homem continua precisando de cuidados, porque o ser humano só se torna o que vem a ser o que ele é por meio da formação familiar e escolar.

Partimos do pressuposto de que a educação escolar não é só escolarização, entendida como preocupação apenas instrumental, domínio científico, informação, preparação técnico-profissional, mas formação, que se ocupa com o domínio científico, a informação, preparação técnico-profissional, é sobretudo a dimensão ético-política do homem e da sociedade, isto é, a elevação espiritual, a humanização dos homens e da sociedade. Esse é o sentido e a finalidade da educação, o que justifica sua existência. Como tal, a educação não é, conforme afirma Werner Jaeger (2001, p. 4), “uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade”. Ela é um ideal de cultura como princípio formativo pertencente à humanidade. É a educação enquanto *paidéia*: “E foi sob a forma de *paidéia*, de cultura, que os gregos consideraram a totalidade da sua obra criadora em relação aos outros povos da Antiguidade de que foram herdeiros” (JAEGER, 2001, p. 7). A formação assim entendida, como movimento civilizatório e de humanização, é expressão do cuidado (*Sorge*), da fábula de Hegino e das reflexões de Heidegger, que visa elevar o gênero humano à excelência, a ser portador da *areté*, do *ethos* do cuidado. A formação humana na perspectiva do cuidado busca desenvolver no homem, seja ele criança, jovem ou adulto, as suas possibilidades e disposição para que realize a plenitude de sua existência como ser humano, tanto na vida individual quanto coletiva.

Antônio Joaquim Severino (2006) também entende a educação como formação, como processo de realização plena da humanidade do homem. Ele assinala:

[A formação] significa a própria humanização do homem, que sempre foi concebido como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade, uma condição de maior perfeição em seu modo de ser humano. Portanto, a

formação é processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, uma pessoa – é bom lembrar que o sentido dessa categoria envolve um complexo conjunto de dimensões que o verbo formar tenta expressar: constituir, compor, ordenar, fundar, criar, instruir-se, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se um ser. É relevante observar que seu sentido mais rico é aquele do verbo reflexivo, como que indicando que é uma ação cujo agente só pode ser o próprio sujeito. Nessa linha, afasta-se de alguns de seus cognatos, por incompletude, como informar, reformar, e repudia outros por total incompatibilidade, como conformar, deformar. Converte apenas com transformar... A ideia de formação é pois aquela do alcance de um modo de ser, mediante um devir, modo de ser que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada por um máximo possível de emancipação, pela condição de sujeito autônomo. Uma situação de plena humanidade (SEVERINO, 2006, p. 621).

Como Aristóteles ensina, na obra *Metafísica* (2012), sobre a relação entre ato e potência, que toda realidade em ato é potencialidade do surgimento de outra realidade, a formação é o trabalho para que o humano que está em cada indivíduo como possibilidade se torne real. Cabe à instituição escolar e à sociedade criar condições concretas para que a pessoa possa desenvolver-se plenamente enquanto ser livre, independente, criativo, crítico e ético. Assim, os homens poderão criar uma sociedade mais igualitária, autônoma e justa. Assim, a educação como formação é auto constituição do ser humano. Ela ocorre como tal se for ao mesmo tempo *ethos* do cuidado, que realiza a tarefa da empatia, da alteridade, do respeito e da valorização do outro, independente de nacionalidade, cultura, idade, religião, crença, opção política e condição socioeconômica.

A educação enquanto formação, enquanto expressão do *ethos* do cuidado, não pode ser compreendida desvinculada do mundo do trabalho, da política, da economia e da cultura. Por isso, Severino (2010, p. 158), com muita assertividade, assim afirma:

Com efeito, a educação só se compreende e se legitima quando concebida e praticada como uma das formas de mediação das mediações existenciais da vida humana, quando for efetivo investimento em busca das condições do trabalho, da sociabilidade e da cultura simbólica. Portanto, só se legitima como mediação para a construção da cidadania. Por isso, enquanto investe, do lado do sujeito pessoal, na construção dessa condição de cidadania, do lado dos sujeitos sociais, estará investindo na construção da democracia, que é a qualidade da sociedade que assegura a todos os seus integrantes a efetivação coletiva dessas mediações.

Quanto à dimensão ética da formação, Severino (2010) ressalta a importância da inter-relação, da dependência recíproca entre as pessoas e, portanto, da compreensão não só da existência social, mas também da coexistência social. Diz o autor:

O ético-político incorpora a sensibilidade aos valores da convivência social, da condição coletiva das pessoas humanas. A relação, a inter-relação, a dependência recíproca entre as pessoas, é também um valor ético. A eticidade se apoia na dignidade humana, mas essa dignidade não se referencia apenas à existência social mas também à coexistência social. (SEVERINO, 2010, p. 159).

Pensar a formação é, sobretudo, como estamos apresentando, pensar o sentido da existência humana. Essa pergunta é a pergunta pela essência do fenômeno da existência. Essa essência teve sua origem com a alegoria de Hegino e as reflexões empreendidas por Heidegger sobre o cuidado, já que a alegoria diz que “o homem deve pertencer ao cuidado enquanto viver”. Portanto, o cuidado é a estrutura constitutiva da existência humana, é a sua essência. Assinala Kahlmeyer-Mertens (2008, p. 213) a esse respeito:

Com Heidegger o cuidado (*Sorge*) é pensado como traço constitutivo da existência humana, na medida em que este se empenha a cada instante em cuidar de si mesmo, de sua existência, em um processo de “singularização” apontando o modo de ser do indivíduo, mediante o esforço continuado de compreensão de seu ser e do ser das coisas em geral.

A formação na perspectiva do cuidado rompe com a concepção e prática da educação como atividade pragmática, instrumental, reificada, voltada para o reino dos entes, do ôntico, negando à atividade educativa a sua essencialidade, que é ser ontológica, humanizadora, assim como é o cuidado na sua origem. A fenomenologia do cuidado contribui para compreender o educando como ser-aí, não como mero requinte antropológico, mas como uma exigência ontológica. “O ser-aí é compreendido como a possibilidade de ser situado nas circunstâncias de seu mundo e ao constante exercício de existir neste. Infere-se, assim, que ser no mundo é mais um *cultivo* do que uma estática *condição* humana” (KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p. 215-216). É por isso que Heidegger afirma:

[...] o ser-aí decidido liberta a si-mesmo para seu mundo. A decisão por si-mesmo primeiro traz o ser-aí para a possibilidade de, sendo com os outros, se deixar “ser” em seu poder-ser mais próprio e, justamente com este, abrir a preocupação que liberta numa ocupação. (*apud* KAHLMAYER-MERTENS, 2008, p. 220).

Sendo o ser do homem pura abertura de sentido, *Dasein*, *ser-aí*, existência, ser-no-mundo, como tal, é sempre uma possibilidade aberta, já que é existindo que se “é-aí” como possibilidade de ser para as circunstâncias de um mundo e no constante exercício de existir nele. Nascimento (2013, p. 90) afirma:

Heidegger preconiza que é por meio de um agir com rigor que temos condições de “recriar” o mundo; é a partir de um mergulho nesse inautêntico que podemos nos apropriar tematicamente desse mesmo mundo cotidiano e do “horizonte” de significâncias que o torna possível.

A formação enquanto afirmação da existência humana como contínuo *vir-a-ser*, como abertura, como constante recriação do humano, como espaço do rigor acadêmico, da crítica, da dúvida, do cultivo do pensamento, da criação, do universal, da empatia, do *ethos* como acolhida e como ruptura com a inautenticidade, com o mundo da alienação, do pragmatismo e da instrumentalização representa o esforço narrado pela alegoria de Higinio para imprimir ao homem sua essência, o cuidado, condição fundamental para transformarmos a nossa sociedade e o planeta em que vivemos em morada, casa, abrigo protetor da vida humana e da construção de uma sociedade mais humanizada, mais igualitária e mais justa, assim como a preocupação com a preservação do planeta em que vivemos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Heidegger, na obra *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* (1979) e no texto “A questão da técnica”, publicado na obra “*Ensaios e conferências*” (2001), diz que vivemos a época do domínio planetário da técnica, época de indigência e penúria, época que abdicou do pensamento, época que não pensa, preocupa-se apenas com o calcular e o planificar. É época do esquecimento do humano. Podemos também dizer que é uma época do predomínio da mistificação, da ignorância, do anti-intelectualismo, da negação da ciência e da necropolítica. É a época do predomínio da preocupação excessiva com o acumular bens; do utilitarismo, dos meios técnicos, do conforto material, mas também da miséria e do abandono; época em que predomina a sensação de estranhamento diante de um mundo cada vez mais uniformizado pelo cálculo e pela planificação; época que atesta sua cegueira diante de suas consequências; época do desenraizamento do homem daquilo que é mais fundamental: a preocupação com a humanidade do homem. É época que revela um mundo inóspito e uniformizado, vazio de empatia, de solidariedade, de acolhida do outro; época do esquecimento do humano, esquecimento da ontologia, do Ser, daquilo que é mais essencial, e da supervalorização de tudo que é ôntico, do mundo das coisas. É época em que convivemos com dramas humanitários que pouco nos comovem, como a fome, a situação desumana vivida por muitos imigrantes, as atrocidades das guerras, os assassinatos de negros, indígenas, mulheres, pessoas LGBT; época que está fazendo um chamamento para que a humanidade assuma sua vocação autêntica, a vocação para o cuidado, para a humanização. É época que exige que repensemos valores, modo

de vida, prioridades, passemos a nos preocupar com a vida, com a situação do outro, a partilhar, a ter mais empatia para que a humanidade recupere a capacidade de pensar, de indignar-se, de amar o outro e trilhar outro caminho: o do cuidado (*Sorge*) como preocupação, expressão do *ethos* (ética) como morada, acolhida, abrigo protetor e seguro da vida do homem em sociedade, que é uma das primeiras preocupações da cultura humana que herdamos e com a qual nos identificamos, caminho que nos ajuda a crescer humanamente, como descreve Martin Heidegger na obra *Ser e tempo* (2007).

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edipro, 2012.

AYRES, J. R. de C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 16-29, set.-dez. 2004.

BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <https://renasf.fiocruz.br>. Acesso em: 29 out. 2021.

BOFF, L. O cuidado essencial: princípio de um novo *ethos*. *Revista Inclusão Social*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out.-mar. 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503> Acesso em: 13 nov. 2019.

HEIDEGGER, M. *Lettre sur l'humanisme: Brief über den humanismus*. Paris: Aubier, 1957. (Série Philosophie l'Esprit). [E-book].

HEIDEGGER, M. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, M. *Ensaaios e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. Cuidado, educação e singularidade: idéias para uma filosofia da educação em bases heideggerianas. *Princípios*, Natal, v. 15, n. 24, jul.-dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/431>. Acesso em: 12 out. 2019.

KANT, I. *Sobre pedagogia*. Piracicaba. SP: Ed. Unimep, 2006.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: Editora 34, 2017.

NASCIMENTO, C. L. do. O cuidado na educação numa perspectiva fenomenológica. *Dialogia*, São Paulo, n. 18, p. 85-101, jul./dez. 2013. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/3023/2695>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ROCHA, Z. A ontologia heideggeriana do cuidado e suas ressonâncias clínicas. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 38, n. 120, 2011. Disponível em:

<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1037>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/rhVxLn4XhLWjYJKXB7grswG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2015.

SEVERINO, A. J. Desafios da formação humana no mundo contemporâneo. *Revista de Educação - PUC-Campinas*, Campinas, n. 29, p. 153-164, jul./dez. 2010. Disponível em:

<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/50>. Acesso em: 14 fev. 2020.

VAZ, H. C. de L. *Escritos de Filosofia IV: introdução à ética filosófica*. São Paulo: Loyola, 1999.

VAZQUEZ, A. S. Objeto da ética: problemas morais e problemas éticos, o campo da ética, definição de ética, ética e filosofia. In: VAZQUEZ, A. S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ZOBOLI, E. L. C. P. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações.

Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 21-27, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/QxhC6TD3pJf8mSfdSmJwLBK/?lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2018.

SOBRE OS AUTORES

Adão José Peixoto é Doutor em Filosofia (USP), Mestre em Filosofia (PUC-Campinas), Graduado em Filosofia (UFG), membro do Grupo de Estudos e Pesquisa CAOIDES – Filosofia, Arte e Ciência: o pensamento como heterogênese. Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

E-mail: adao.peixoto@ufg.br

ORCID: 0000-0002-4267-1406

Matheus Alexandre Rocha é graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa CAOIDES – Filosofia, Arte e Ciência: o pensamento como heterogênese.

E-mail: alematheus@gmail.com

ORCID: 0000-0001-9235-3046

*Recebido em 30 de março de 2022.
Aprovado em 15 de maio de 2022.
Publicado em 05 de setembro de 2022.*